

Testes do Padrão de Rádio Digital Grupo de Pesquisadores de São Paulo, Capital¹

Autor: Lenize Villaça (Universidade Mackenzie)². Co-autores: Magaly Parreira do Prado (Faculdade Cásper Líbero)³, Patrícia Rangel Moreira Bezerra (Faculdade Rio Branco/Uniban)⁴, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva (Belas Artes/Unisa/Faculdades Oswaldo Cruz)⁵, Álvaro Bufarah Júnior (Faap/Uninove)⁶

Resumo: Este trabalho tem como objetivo traçar um perfil dos testes envolvendo o sistema de rádio digital na cidade de São Paulo com o modelo I-Boc. Para isso, foram feitos contatos com as Rádios CBN, Eldorado, Bandeirantes, Record. Como a mídia também divulgou a Rádio Jovem Pan está também foi contatada, porém descobriu-se que não está mesmo fazendo testes. Nesta visita, no entanto, foi possível entrevistar um dos vice-presidentes da ABERT para oferecer um panorama sobre o tema.

Palavras-chave: testes rádio digital; rádio digital, AM São Paulo; FM São Paulo; I-boc.

¹ Trabalho apresentado ao NP de Rádio e Mídia Sonora para a Mesa Redonda sobre o Rádio Digital a ser realizada durante o VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação.

² Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Pós-graduada em Comunicação Jornalística pela Faculdade Cásper Líbero. Professora da disciplina Radiojornalismo I e II. Trabalhou como jornalista na Rede Capital de Comunicações, Rádios Norte e Alvorada. Co-autora do capítulo Rádio também tem repórter investigativo, In: 'Jornalismo Investigativo'. Publisher, 2003. E-mail: levox@uol.com.br

³ Docente da Faculdade de Comunicação Cásper Líbero. Jornalista com especialização em Comunicação Jornalística. Pesquisadora do CIP-Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Cásper Líbero. Gerente da plataforma de áudio da Cidade do Conhecimento/USP, onde coordena o projeto Audicidades. Autora do livro 'Manual de Produção de Rádio-Um Manual Prático', editora Campus (2006). Escreve uma coluna sobre rádio no UOL: <http://magalyprado.blog.uol.com.br>. Endereço eletrônico: magalyprado@uol.com.br

⁴ Especialista em jornalismo esportivo. Participou de duas Copas do Mundo, duas Olimpíadas e outras grandes competições. Pós-graduada em Comunicação Jornalística, trabalhou no Sistema Globo de Rádio, na Gazeta, na Nova FM e na CBN. Tem passagens também pela Bandeirantes e Globosat/Canal SporTV. Leciona há seis anos e possui uma obra publicada em parceria com o jornalista Heródoto Barbeiro: 'Manual do Jornalismo Esportivo', Editora Contexto, São Paulo, 2006

⁵ Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC – São Paulo, autora do livro: Rádio - A Oralidade Mediatizada publicado pela Annablume, coordenadora do Circuito Interno de Rádio na Faculdade Oswaldo Cruz há 09 anos, Produtora Executiva do Programa Solidários - veiculado pela Rádio América São Paulo em 2004, professora universitária há 13 anos. julira@uol.com.br. Docente: Centro Universitário Belas Artes, Unisa – Universidade de Santo Amaro e Faculdades Oswaldo Cruz.

⁶ Mestre em Comunicação e Mercado – Fundação Cásper Líbero. Professor de produção em Rádio, Tecnologia em Rádio e TV e Locução, na FAAP. Professor de radiojornalismo no Centro Universitário Nove de Julho.

Introdução:

Em março deste ano, cinco professores-pesquisadores de São Paulo se reuniram para estudar como estão sendo desenvolvidos os testes com o sistema de rádio digital na cidade, autorizados pela Anatel desde setembro de 2005, como parte regional de uma ampla pesquisa sobre o tema. Foi definido que cada integrante do grupo ficaria com uma emissora de rádio. O que será demonstrado a seguir é a situação atual deste estudo.

Desenvolvimento:

- Emissora Analisada: Rádio CBN FM 90,5 – São Paulo/SP (texto de Patrícia Rangel)

A emissora CBN São Paulo integra o Sistema Globo de Rádio que também está fazendo testes com a Rádio Globo AM, de Minas Gerais. Em abril de 2006, o responsável pelos testes da emissora, Roberto Cidade, concedeu uma entrevista à Professora Patrícia Rangel. A emissora ainda não conseguiu testar o impacto do sinal digital na recepção de sinais analógicos no mesmo canal e em canais adjacentes porque ainda não tem canais adjacentes com emissoras. Em FM existe a 90,5 (CBN) e a BandNews que está em 96,9, portanto não existem dois canais digitais lado a lado para analisar se está funcionando, se uma interfere na outra. Uma emissora que tem faixa vizinha à CBN é a 90,9FM, do Grupo Bandeirantes, mas não há interferência uma na outra, o sinal é compatível. O principal problema são as rádios ‘piratas’. Segundo Roberto Cidade, a CBN está na frequência 90,5 e as piratas invadem o 90,7 além da 90,9 (Bandeirantes). O 90,7FM deveria ser espaço da CBN na qual estaria confortavelmente instalada, mas a ‘pirata’ já começa a modular ao lado. Nas laterais do sinal analógico da emissora analisada é onde estão os sinais digitais, nas bandas laterais. Portanto, uma rádio pirata vem ao lado da emissora CBN e cobre o sinal digital, ou seja, é plenamente incompatível com rádios piratas que modulam no canal adjacente. O Roberto Cidade explica que a Rádio CBN está em 90,5FM e a frequência modulada da emissora vai de 90,4 até 90,6, e que a CBN precisa deste espaço para modular o áudio. O rádio não consegue identificar um limite de separação, então por isso que coloca canais adjacentes de separação por emissoras. É um espaço necessário para a convivência de outras emissoras e que esta convivência seja amigável. Ele declara que existem empresários que foram se “enfiando” neste

espaço, baseado na norma que regulamenta que são 400 Khertz de limite de potência do transmissor e acabam trazendo emissoras do interior para a capital de São Paulo.

Sobre a avaliação da compatibilidade do padrão com a área de cobertura da emissora Roberto Cidade enxerga como positivo, e afirma que a CBN está com uma antena simples, de ganho reduzido. O transmissor tem 10% da potência e tem basicamente a mesma cobertura, pega até em Mogi das Cruzes, na Grande São Paulo, com certa estabilidade. A compatibilidade tem sido interessante. A CBN São Paulo está trabalhando com 10% da potência do transmissor, o que significa um gasto de energia elétrica de apenas 1%. O transmissor digital gasta 10% da potência do transmissor analógico. Como maior potência significa maior consumo de energia elétrica, no caso da CBN que tem um transmissor de 35 mil wattz que consome muita energia elétrica, passa a ter um transmissor de 300 wattz, que consome menos energia que uma geladeira. Não é preciso uma antena gigantesca na avenida Paulista nem de um transmissor muito potente que consumirá muita energia, um *no break* pequeno sustenta muito bem; a Rádio CBN não precisará de um super gerador de 70 Kva pra movimentar tudo isso. Então, se no futuro, o sinal digital substituir o sinal analógico haverá uma economia muito grande. Enquanto eles forem simultâneos, o sinal analógico ainda sobrepõe o digital pelo menos nesta configuração. Se em algum momento a transmissão digital se sobressair, for para um patamar muito mais alto, eventualmente com a degradação do sinal analógico, em um momento que o mercado tiver mais emissoras digitais, mais receptores, poderá acontecer a migração para um valor máximo, reduzindo banda passante e levantando um pouco a potência para o digital ficar mais robusto, informou Roberto Cidade, técnico responsável pelos testes do rádio digital na Rádio CBN FM São Paulo.

Quanto à adequação do sistema às características de cada localidade, o interessante do digital é que enquanto você está ouvindo, ele está isento de ruídos. Mesmo a CBN, que possui muitas linhas de telefone, cujo áudio não prima pela qualidade, porque usa muitos celulares de uma só vez, é facilmente percebida a melhora de áudio. Por exemplo, quando você anda de carro e escuta o rádio pelo sistema analógico, de repente para um motoqueiro ao seu lado, provoca um ruído. Até a ignição do carro, faz um “ruidinho”, menos do que o AM, mas faz. Quando este áudio entra no digital é como ouvir um CD, sem ruídos. No antigo disco de vinil, o LP, assim que acabava uma música ouvíamos o ruído, o chiado, é assim o áudio analógico, no digital escutamos como um CD. É a mesma sensação. Mas na verdade, a adequação do sistema às

características de cada localidade foi inferior à expectativa. Roberto Cidade declara que teve a sensação, a impressão que, com o sinal digital, poderiam lincar um sinal em várias regiões o que permitiria poder sair dando voltas com o rádio, sem interferência. Mas as antenas estão todas concentradas na avenida Paulista e existe muita interferência. Sobre as mudanças técnicas dos atuais transmissores para o padrão digital, ele afirma que para se ter equipamentos compatíveis, a adaptação é quase o custo de um equipamento novo. A CBN AM São Paulo tem um transmissor já transistorizado, que pertence a uma geração anterior. Ele poderia trabalhar com o digital, mas o custo da adaptação dele é quase o preço de um transmissor já novo preparado para receber o equipamento digital. O custo-benefício para migração é considerável. Por exemplo, o transmissor da Rádio Globo SP é valvulado, é completamente incompatível e nunca vai tocar digital. O pedido para a compra de um transmissor novo já foi feito. Terão que comprar um novo transmissor para a Rádio Globo porque o atual é obsoleto, gasta uma energia violenta e cada válvula que usa (são 6 válvulas) custa US\$ 13 mil e são utilizadas seis. Só para conservar o transmissor da Rádio Globo AM de São Paulo são US\$ 24 mil por ano. Além disso, se o rádio digital realmente for implantado, este transmissor é totalmente incompatível com o sistema, não dá nem para adaptar.

O investimento realizado pela emissora para os testes do sistema digital gira em torno de US\$ 150 mil e segundo Roberto Cidade, além do alto custo ninguém sabe se será este o sistema homologado pela Anatel. Baseado em que é uma instalação para fins científicos foi tentado um financiamento, mas a emissora não conseguiu tendo que arcar com as despesas através de recursos próprios.

O tipo de aparelho receptor utilizado nos testes foi o automotivo porque é o que já oferece várias opções de modelos e recursos e que está com preço acessível. E é onde supostamente conseguirão desovar uma maior quantidade de produtos. De acordo com Roberto Cidade, a montadora GM do Brasil já está interessada no rádio digital automotivo e quer que seus carros *top* de linha saiam com os rádios digitais. A marca do fabricante de aparelhos receptores automotivos usados pela emissora CBN é o HD Rádio e eles tiveram que importar alguns e colocar no carro de pessoas-chaves que estão testando o sistema digital.

Roberto Cidade enfatiza que no caso de emissora de frequência modulada - FM, o rádio digital traz uma melhoria significativa, e se for uma emissora musical, melhor ainda, o áudio fica sem chiado. A outra vantagem é ter até três canais de áudio simultaneamente. Dentro dos 90,5 FM, poderão dispor além dele próprio, de mais dois, com resolução um

pouco menor, mas terão segundo e terceiro serviço. Então, por exemplo, se alguém sintonizar os 90,5FM, Rádio CBN, aparecerá a opção de canais 1, 2 ou 3. No AM, o som fica parecido com MP3.

O Sistema Globo de Rádio comprou 44 receptores, auto-rádio para dividir entre CBN São Paulo e Rádio Globo AM Minas Gerais. Na CBN São Paulo são 30 aparelhos, alguns instalados outros guardados e um que veio quebrado. Alguns aparelhos receptores foram montados como *mini-system*, com gabinetes para ficarem fixos na emissora. Um está na viatura automotiva utilizada por Roberto Cidade, outro no carro do engenheiro responsável pelos transmissores da emissora, um no transmissor da Vila Prudente, zona leste de São Paulo e outro do transmissor da Avenida Paulista.

Os outros aparelhos receptores de rádio digital estão espalhados no departamento de marketing, programação, redação, comercial e diretoria, além de nove em veículos de pessoas-chaves destes departamentos. Estão hoje em operação 16 aparelhos e 14 guardados. Cada receptor custou US\$ 700. Até o momento, nenhum ouvinte se manifestou sobre os testes desenvolvidos.

Segundo Roberto Cidade, a qualidade de som do padrão digital testado no FM é boa, transparente; e a do AM, que escutou pela Bandeirantes AM, percebeu que possui um áudio como se fosse um MP3 com um ‘zumbidinho’ ainda.

A professora Patrícia Rangel entrevistou também a gerente de planejamento comercial e eventos do Sistema Globo de Rádio, Neide Abiarraj Antunes de Souza. Segundo a gerente, dois motivos levaram a emissora a testar o padrão digital: O Sistema Globo de Rádio, como o maior grupo, não podia ficar de fora destes testes, não deixar de estar na vanguarda. E o segundo e principal motivo é contribuir para melhorar a qualidade de som do AM.

Segundo Neide Souza há interesse da emissora em utilizar canais adjacentes para colocar no ar mais de um tipo de programação. Há interesse, mas não há a possibilidade. Para ela, a intenção de quem tem a concessão é poder abrir os outros canais, mas isso ainda não começou a ser discutido. A decisão não é interna da emissora e sim uma decisão junto ao Congresso Nacional. Estes outros canais são problemas da concessão. A grande pergunta é se estes outros canais adjacentes serão da mesma concessão, poderão abrir estes canais ou estes mesmos serão concessões diferentes? Isto ainda não começou a ser discutido. Para Neide Souza é preciso que uma lei legitime isso. “Existem dois lados desta discussão, o lado do empresário e o lado de quem quer ter a concessão. O lado do empresário é interessante porque se ele puder ter três ou quatro

rádios é muito bom, apesar do custo de produção. E vem o outro lado, por exemplo, a Universidade de Tabatinga gostaria muito de ter um rádio, e não tem. Uma comunitária gostaria de ter. Então, por que deixaremos um grupo ter quatro rádios, enquanto outro grupo não tem nenhuma? Mas achamos que esta discussão está antecedendo muito, porque o digital pode até não ser uma realidade e aparecer uma tecnologia que seja muito mais eficiente e que acabe com tudo isso.”, declara Neide Souza.

Como é uma fase de testes a emissora ainda não possui um projeto para criar diferentes tipos de programação visando uso de canais adjacentes. Há uma vaga idéia em emissora transmitir dados utilizando a tecnologia digital. Para Mariângela Ribeiro – coordenadora de pesquisa de mercado do Sistema Globo de Rádio, a Rádio CBN tem como características muita prestação de serviço, portanto tudo o que tem no *site*, por exemplo, poderia estar em dados no digital. A entrevista de um médico que foi ao ar poderia aparecer o contato deste profissional sendo transmitido em dados.

Segundo Neide Souza a vantagem técnica do rádio digital é a economia de energia. “O transmissor digital custa US\$ 1 milhão, mas só com a economia que trará de energia, vale a pena o investimento nele. Porque um dos maiores custos de uma rádio está em energia.”

Para Mariângela Ribeiro, a internet foi uma revolução para o rádio, um enorme avanço. O rádio digital não irá aumentar este avanço. “Já temos várias tecnologias que estão ao nosso redor como: celulares com música, com áudio, com textos, internet ligada ao rádio, mensagens instantâneas ligada via áudio. Nós já vivemos em um mundo digital. O padrão digital de rádio não trará nenhuma revolução, como, por exemplo, a internet foi para o rádio, não é uma tecnologia fora do comum, inovadora.”

Para Neide Souza, gerente de planejamento comercial e eventos, um dos pontos fracos do sistema digital para a emissora é não saber quando irão trocar todos os aparelhos pela tecnologia digital, será que esta indústria terá o radinho de pilha que a dona de casa coloca em cima da pia da cozinha e fica escutando, que vende no camelô a R\$ 3 ? A tecnologia digital fará isso? Quanto tempo irá demorar para esta tecnologia custar R\$ 10 no camelô? A outra desvantagem é o *delay* de 8 segundos, que é muito tempo para o rádio.

Percebemos uma grande falta de empolgação com os testes e com a vinda do rádio digital. Poucos dentro da Rádio CBN São Paulo acreditam e observam grandes mudanças. A sensação é que os testes foram impostos, o padrão digital foi imposto e somente por isso está sendo testado. Por enquanto, é mais importante a interatividade da

internet, do *site* da rádio com os ouvintes, a aproximação que a internet traz entre a emissora e seu público do que a vinda do rádio digital. Para os entrevistados, não há nenhuma novidade, nem revolução tecnológica no rádio digital e sim uma obrigação para com os testes. Tudo está ainda muito embrionário, sem leis, inclusive de como ficará com a possibilidade de uso de canais adjacentes pela mesma emissora. A CBN não investiu na compra de um transmissor de AM para testes de rádio digital já que diz que no AM está seu maior problema e isso é a prova maior da falta de empolgação para com o sistema em teste. A expectativa de alguns era muito grande e a realidade, ao menos por enquanto, é diferente.

- Emissora Analisada: Rádio Eldorado AM 700 kHz e FM 92,9 – São Paulo/SP
(texto de Júlia Lúcia Oliveira Albano da Silva)

A emissora Eldorado do grupo *O Estado de S. Paulo* ainda não está realizando efetivamente nenhuma pesquisa com o sistema digital apesar de terem a autorização da Anatel. De acordo com o gerente da área técnica Luiz Eduardo Ferreira, a emissora tem se preocupado em realizar um estudo preliminar e tem como expectativa a implantação do sistema na frequência modulada.

-Emissora Analisada: Rede de Rádio Bandeirantes AM 840 kHz – São Paulo/SP
(texto de Álvaro Bufarah)

Apesar de contatos realizados, até o momento os técnicos responsáveis em atender o professor não puderam marcar a visita à emissora.

- Emissora Analisada: Rádio Jovem Pan AM 620 kHz – São Paulo/SP
(Texto Lenize Villaça)

A Rádio Jovem Pan AM - São Paulo foi divulgada na mídia como uma das que fariam testes com o rádio digital. Em maio de 2006, um dos diretores da emissora, Paulo Machado de Carvalho Neto, conhecido também como Paulito, concedeu uma entrevista à professora Lenize Villaça.

Na entrevista, porém, Paulito negou a participação da Rádio Jovem Pan nos testes. “A única coisa que a Rádio Jovem Pan não tem é a transmissão, o resto já é digitalizado. Acredito que em todas as grandes emissoras, pelo menos a Jovem Pan tanto São Paulo como em Brasília, é tudo absolutamente digital. Trabalhamos tudo com *HD-High Definition*, a diferença está só no transmissor.”

A emissora não teria feito o pedido à Anatel porque, segundo ele, não há o que testar. A emissora entende que o problema da digitalização é o AM, porque tecnicamente o AM não está resolvido. É um problema de interferência noturna ainda não solucionada pelos sistemas, por isso, a Jovem Pan não quer investir em um negócio que não se vê perspectiva. Quando for solucionado, grupos como a Jovem Pan podem, no futuro, se transformar em centrais de distribuição de conteúdo. Poderão ser utilizados, por exemplo, os quatro canais do FM, onde uma programação poderia ser jornalística, duas musicais e uma terceira com dicas de livros.

Como Paulo Machado de Carvalho Neto também exerce a função de vice-presidente da ABERT, Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, a professora-pesquisadora aproveitou a oportunidade para conversar com ele sobre o assunto, como demonstrado a seguir.

- Opinião sobre o rádio digital:

O alavancador da radiodifusão aberta comercial seria a digitalização do AM. É um absurdo imaginar a possibilidade de operar com um rádio digital que tenha que ter um novo espectro de frequência porque vai fazer com que as pessoas tenham que comprar novos receptores de rádio que possam operar nestas frequências. Só há uma única possibilidade no Brasil que é o *I-Boc Channel*, com operação na mesma frequência, ou seja, um *simulcasting* entre as duas transmissões. Com isso, há condições de poder atender aqueles que não têm recursos para trocar o receptor e também àqueles que já tiveram recursos para poder fazer isto. O rádio está presente em 99,9% dos domicílios brasileiros, mas a pessoa não vai dispor de R\$ 200 para comprar outro, vai continuar ouvindo o receptor que tem. Para essa pessoa a digitalização não significa absolutamente nada. Para os grandes centros estes sim, terão uma melhoria porque o digital – como é binário – ou pega ou não pega. Não há o áudio ruim. Se você consegue captar o sinal, é perfeito. Nos grandes centros isso trará um enorme benefício às emissoras que poderão operar com uma qualidade de áudio similar ao do FM e nenhuma emissora entrar na frequência de outra.

- Problema dos sistemas apresentados para o governo brasileiro:

A grande questão é que nenhum desses três sistemas resolveu o problema que é a interferência. Durante o dia (o AM) funciona bem, mas quando muda o período noturno que se alteram as condições dos sinais vira uma bagunça. Há interferência entre uma e outra emissora e ninguém encontrou solução pra isso. Porque as emissoras de AM ficaram mais no *talkradio* e o sistema digital tem que trazer qualidade sonora. Então, a digitalização do AM ainda não é fato. Ela serve para o período diurno, não serve para o noturno. Mas, o FM não tem problema noturno no digital (que o AM tem). O nosso problema não está no FM, que mercadologicamente vai bem. O problema é no AM. A digitalização está se processando muito mais no FM do que no AM, mas o problema está no AM.

- Opinião sobre os sistemas apresentados para o governo brasileiro:

Os sistemas são praticamente idênticos, inclusive para a televisão. Se você pegar o sistema japonês, americano e europeu, 80% deles são iguais. A diferença está na interatividade do processo e no finalzinho do *software*, do processo, em que há a possibilidade de se distribuir ou não para celular, etc. O resto é igual pra todos, é padrão internacional. Foram feitos testes no Rio de Janeiro e o sistema pega bem no túnel, por exemplo. O receptor digital no painel do carro capta imagem como em qualquer lugar. É perfeito. O mais fácil de negociar e conversar é o norte-americano. O Brasil tem uma tradição grande de comércio com os Estados Unidos. O europeu tem empresas como a Philips, por exemplo. E o japonês tem toda a tecnologia, mas é o mais difícil porque existem diferenças de negociação, cultura.

- Opinião sobre o impacto da digitalização do rádio no mercado:

Na mesma frequência caberiam até 16 emissoras, mas quebraria o rádio no Brasil porque não há como viabilizar isso comercialmente. Na Europa, as transmissões digitais não pertencem às emissoras. Você tem uma empresa prestadora de serviço de transmissão digital e loca um espaço dela para poder transmitir. Ou você vai ter aqui no Brasil o surgimento das grandes redes de rádio norte-americanas que operam 1.200 emissoras de rádio - a Rádio Jovem Pan, por exemplo, que é a maior rede de rádio do Brasil, opera 130 (emissoras) – e amanhã a Jovem Pan pode virar uma rede de 1.500

emissoras e, na verdade, vão existir três ou quatro grandes cadeias de rádio, ou estas vão sumir do mercado.

- Avaliação da compatibilidade de padrão com a área de cobertura da emissora:

O sistema digital pressupõe potências menores para manter a mesma área de cobertura. Qual é a vantagem de você trabalhar com potência menor? É que você reduz substancialmente a quantidade de interferência eletromagnética causada na própria população. Agora, a migração do rádio analógico para digital sem dúvida é muito maior que na televisão. O mapa de cobertura ideal é você cobrir cem por cento da população que você pretende atingir.

- A adaptação das emissoras após a definição do padrão digital

Não deverá ser tão simples na produção por uma razão. A qualidade da imagem digital é tão boa que você precisa ser muito mais cuidadoso na produção. Dá pra ver tudo. Os custos de produção são muito maiores. Para o rádio você terá um custo de produção muito maior também. Um *Long Play* que está em uso e possui certo chiado de fundo não vai dar mais para ter porque no digital vai ficar um barulho evidente. Além disso, no digital precisa-se de profissionais muito mais qualificados e preparados. Em termos de conteúdo vai ter uma produção mais onerosa (problemas com a ligação no celular aparecerão mais no digital).

- Melhoria do som no padrão digital:

A do AM é notável. No FM nem tanto.

- Mas quem fizesse rede de rádio faturaria pelo número de emissoras afiliadas:

O nosso negócio chama índice de potencial de consumo. O grande problema é o seguinte: nós temos rádios que querem ter a programação da Rádio Jovem Pan, por exemplo, e nós não queremos, então não interessa filiar outra emissora na rede que vai encarecer o custo e não vai dar contrapartida comercial. No digital o processo é o mesmo. Não muda nada. A única coisa que vai melhorar o digital é a qualidade de áudio da transmissão e possibilidade da emissora ser capitável onde hoje não é. Isso vai encarecer a produção, que terá de comprar equipamento melhor, e pagar mão-de-obra mais qualificada.

-Emissora Analisada: Rádio Record AM 1000 kHz – São Paulo/SP
(Texto Lenize Villaça e Magaly Prado)

A Anatel concedeu em 15 de março de 2006 autorização à Rádio e Televisão Record S/A para realizar testes do Sistema de Radiodifusão Sonora Digital I-boc. A Rádio e Televisão Record deveriam apresentar, no prazo de 60 dias, ou seja, até 15 de maio, relatório inicial constando, no mínimo, as características utilizadas na transmissão digital e a descrição dos testes. Kaká Mendes, diretor de programação da emissora, relatou, em 22 de maio que, apesar disso, até esta data o equipamento não havia chegado à Rádio Record, fazendo com que os testes não fossem concretizados ainda. Também citou que não há uma data exata para o início dos mesmos.

Considerações finais:

Apesar do esforço dos pesquisadores do Intercom-grupo de São Paulo em buscar dados sobre os testes do sistema digital de rádio realizados na cidade, contribuindo para uma pesquisa maior sobre a implantação do rádio digital no Brasil, poucos dados foram conseguidos nesta pesquisa. Além da Rádio CBN, que já iniciou efetivamente os testes, até o momento não houve avanço significativo por parte das outras emissoras paulistanas neste sentido. E, fica difícil, portanto, sabermos se as emissoras estão preocupadas em testar apenas a qualidade técnica do sinal digital comparado ao analógico ou se ainda não encontraram retorno suficiente que justifique investimentos na nova tecnologia. Um dado no entanto, nos chamou muito a atenção: passados oito meses da autorização da Anatel para os testes, e as muitas matérias divulgadas na mídia à época do lançamento do sistema I-boc, em setembro de 2005, esperávamos uma São Paulo mais animada e cheia de energia para a realização dos mesmos com todo o potencial de infra-estrutura e de conteúdo que a nova tecnologia pode trazer. Dois motivos podem indicar o porquê dessa morosidade e, que de certa forma, foram comentados tanto pela CBN como pelo representante da ABERT: o alto investimento financeiro para testes (aparelhos que podem nem ser utilizados no futuro) e também o avanço maior do sistema digital somente em Freqüência Modulada, deixando a Amplitude Modulada sem uma revitalização tão esperada.

Bibliografia

BARBOSA FILHO, André, PIOVESAN, Ângelo e BENETON, Rosana (orgs). *Rádio, sintonia do futuro*. São Paulo: Paulinas, 2004.

BARBOSA FILHO, André, CASTRO, Cosette e TOME, Takashi. *Mídias digitais – Convergência tecnológica e inclusão social*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultural - A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *La Galáxia Internet – reflexiones sobre Internet, empresa y sociedad*. Barcelona: Areté, 2001.

FIDLER, Roger. *Mediamorphosis – Understanding New Media*. Califórnia: Pine Forge Press, 1997.

JOHNSON, Steven. *Cultura da interface – Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar. *La radio en la era digital*. Madrid: El Pais Aguilar, 1997.

MOREIRA, Sonia V. *Rádio em transição – Tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil*. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002.

STRAUBAHAAR, Joseph e LAROSE, Robert. *Comunicação, mídia e tecnologia*. São Paulo Thomson, 2004.